
Cadernos ASLEGIS

ISSN 1677-9010 / www.aslegis.org.br

Latim e Grego no Século XXI

Mauro de Albuquerque Madeira

Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados
Área de Tributação e Direito Tributário

O latim e o grego são as raízes da língua portuguesa e das demais línguas ocidentais, mesmo daquelas não chamadas neolatinas, inglês, alemão etc.

As civilizações romana e helênica deixaram marcas na Europa, na América – através da colonização européia --, no Oriente Médio e na antiga Ásia Menor, nos países árabes e norte-africanos.

A humanidade é um oceano de milhares de anos de origens e influências que se inter cruzam em correntes frias e quentes de comércio, culturas, guerras e línguas, costumes e crenças.

Se voltarmos até as línguas indo-européias, ao sânscrito e às brumas da Índia, estaremos mergulhando em águas abissais. Não chegaremos a tanto.

Na vida diária, ficamos na superfície das necessidades de trabalho, consumo, lazer, televisão e trânsito, negócios e festas, deveres de escola e de ofício.

Esquecemos das origens. Para ficar apenas nas européias – o que não significa esquecer as afro-indígenas, que também influíram no vernáculo falado no Brasil –, é de lamentar o míope desprezo que as elites educacionais reservaram ao estudo das línguas latina e grega. Até a década de 1960, ou talvez 70, ainda se estudava latim e grego no Brasil. A partir de 80 e 90 intensificou-se a invasão do idioma inglês e ultimamente a informática, a

internet e as velozes tecnologias de difusão da cultura de massa parecem ter tomado todo o espaço e tempo, antes dedicados a perscrutar raízes culturais e lingüísticas. Grego e latim parecem coisas tão longínquas para os jovens educados na televisão e nas teclas macias de computador, que só fala inglês ou português barbarizado pelos “*inicializados e disponibilizados*”, *check in* e *out*, pelos *coffee break*, *up, down, print, pager, grid, delivery, login, logoff, shopping center, shift, e-mail, and so on*.

Incomoda a falta de rudimentos de latim, quando se ouve um locutor da Voz do Brasil, hora oficial, dizer *a-e-des Aegipty*, sem saber que o ditongo latino *ae* pronuncia-se *é aberto*; não é hiato *a-e*. Corretamente, porém, eles pronunciam *Aegipty* como *egipti*, pois, em português, Egito não é *a-e-gito*, justamente por causa da origem no ditongo latino e não no hiato. A pronúncia do ditongo *ae* (*é aberto*) também deve ser respeitada nas famílias botânicas (*euphorbiaceae, palmae etc.*), assim como no conhecido *curriculum vitae* etc.

Não se admite pronunciar palavras inglesas erradamente, mas se aceita que pessoas na televisão e no rádio ensinem o povo a falar errado palavras latinas de uso corrente na nossa língua, que é filha do latim (e pode herdar-lhe palavras *in natura*, assim como dele herdou quase todo o vocabulário que usamos a cada dia).

É verdade que a tecnologia das potências hegemônicas de língua inglesa e a sua cultura cinematográfica e internetiva, que importamos goela abaixo, nos forçam a aceitar muitos neologismos, digamos, do *american way of life*. Deparamo-nos com a invasão abusiva de expressões da língua inglesa, tanto nos jargões científico e técnico, como no modismo mercantil. Poderíamos traduzir a maior parte. E podemos evitar muitas baboseiras desfigurantes do nosso idioma, tais como *delivery*, em vez de entrega, *coffee break*, em vez de intervalo para o café, *hedge*, ou outras frivolidades como *garage sale, grid* de largada, ou mesmo a inelutável *aids* (em vez de *sida*, que franceses, espanhóis e portugueses usam para a síndrome da imunodeficiência adquirida).

A culpa seria da televisão, que instantaneamente difunde expressões sem tradução ou mal traduzidas, no afã de tudo copiar e nada criar ou criticar?

Há termos científicos ou técnicos que sofrem alguma dificuldade de tradução e acabam se incorporando na nossa língua. É inevitável. Mas há modismos comerciais que são copiados à toa, por mimetismo preguiçoso, e que só ser-

vem para exibir pobreza vernacular e colonialismo cultural. Alguns linguistas chamam ao primeiro caso de empréstimos lingüísticos de necessidade, e ao segundo, de empréstimos de luxo ou de moda.

Não se pode ser provincianamente purista, a ponto de rejeitar qualquer expressão estrangeira. A influência científica, tecnológica, econômica e cultural de países hegemônicos impõe a sua aceitação, e a televisão e a imprensa apenas apressam a sua difusão. O perigo de descaracterização nacional está justamente na rapidez da assimilação, facultada pelos modernos meios de comunicação. A assimilação lingüística de vocábulos e conceitos entre povos que se relacionavam comercial ou territorialmente se deu de modo lento, através de séculos de contacto, assim como, também, a transformação gradual do latim nas línguas românicas, português, espanhol, francês, italiano, romeno e dialetos vários.

Quando se luta pela preservação da sua própria língua está-se de fato fazendo uma parte do jogo competitivo entre nações, uma parte do esforço de não se deixar dominar pela influência tirânica de uma potência cultural, econômica e mesmo militar. As línguas, assim como o seu intercâmbio e sua evolução, se formaram através de séculos de história. Agora, no século XXI, parece que estamos ameaçados pela voragem dominadora de uma só potência, que quer impor ao mundo a monotonia de uma só cultura, a pobreza de uma única língua franca, o imperialismo mercantilista dos seus interesses, a mesmice do seu *way of life*, a bota texana da guerra do petróleo e de outras guerras, a poluição planetária em nome da riqueza e do consumismo.

Ao falar em *hegemonia* dos Estados Unidos, estamos usando a palavra grega *heguemóneuma* (guia, condutor), bem como mimetismo vem de *mímesis* (imitação), e assim por diante. É imensa a quantidade de palavras de origem grega no vocabulário português, principalmente nos termos científicos e técnicos, ligados a medicina, biologia, física, química e inúmeros outros ramos das ciências. O mesmo se dá na literatura, nas artes, no direito, nas ciências humanas, na psicologia.

No cotidiano, usamos palavras latinas com a naturalidade com que respiramos o ar. No entanto os nossos reformadores educacionais se deram ao luxo da insciência de suprimir o latim (e o grego) dos currículos do segundo grau e até das universidades. A Igreja Católica retirou o latim dos seus ritos litúrgicos e, provavelmente, do ensino nos seminários. É certo que cantorias de

rock podem aproximar-se mais do gosto musical de adolescentes televisivos do que o canto gregoriano medieval. O latim, porém, não está preso apenas às origens da Igreja. Era a língua dos romanos, que originou o português e demais línguas românicas e influenciou grandemente na estrutura e vocabulário do alemão, do inglês e de muitas línguas modernas.

Deixou-se de estudar latim (e a sintaxe, a antiga “análise lógica”) e hoje vemos como o português está se viciando e empobrecendo no falar diário de locutores de rádio, de apresentadores e entrevistados de televisão. Não se sabe mais usar o pronome relativo *cujo*, que substitui e sintetiza *do qual, da qual, dos quais, das quais*. O objeto direto *o, a, os, as* (caso acusativo em latim) é canhestramente eliminado e substituído por *ele, ela, eles, elas*, (caso nominativo, do sujeito, em latim), quando se diz: eu vi ele, em vez de: eu o vi. É certo que na linguagem coloquial e familiar se diz: eu vi ele na rua. Mas, na televisão, um apresentador não se devia dar à preguiça mental de falar assim. Se o inglês usa *him* e não *he*, quando se trata de objeto direto da frase, em português se usa o caso nominativo (*ele, ela*) para o sujeito, e o caso acusativo (*o, a, os, as*) para o objeto direto da oração.

Preservar um mínimo de regras gramaticais não é rabugice de velho. É garantir um padrão ordinatório na transmissão da nossa herança cultural e lingüística, da nossa soberania de país lusófono, de origens mais antigas que a internet, o McDonald’s, ou o cinema de *efeitos especiais* de crimes e guerras.

As línguas latina e grega, e a sua literatura, são os mananciais prístinos da civilização ocidental. A humanidade não pode esquecer Homero, Eurípides, Sófocles, Demócrito, Platão, Aristóteles, Virgílio, Horácio, Ovídio, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Esopo, Epicuro. Sem eles não haveria Shakespeare, Camões, Vieira, Cervantes, Molière, Proust, Machado de Assis e Saramago.

Por mais que estejamos envolvidos na azáfama das ciências e artes do século XXI, sejamos como árvores, que mais frondosas são, quanto mais profundas as suas raízes .

Por falta de rudimentos e vocabulário da língua grega, o estudante de medicina, ou o leigo leitor de bula de remédio, ou o estudioso de qualquer ciência, ou o leitor menos superficial sofrem a frustração da insciência, da ausência de raiz da sua própria língua, que herdou enorme manancial de palavras he-

lênicas, que estão na *democracia*, no *antipirético*, na *isonomia*, na *história*, na *ergonomia*, no *taquígrafo*, no *paleolítico*, no *apogeu e no perigeu*, no *pentacampeonato*, na *caligrafia*, na *homeostase*, no *fenótipo e no genótipo*, no *cinema*, enfim, no próprio *genoma* que plasmou a *morfologia* da nossa linguagem.

Do latim herdamos a estrutura da língua, o vocabulário básico cotidiano, que nos passa despercebido, como ao peixe a água. Note-se que os adjetivos – mais que os substantivos -- escondem e mostram a maternidade latina: *insular* vem de *insula* (ilha); *formidável* vem de *formido* (medo); *admirável* (*admirabilis*); *pictórico* (*de pictor*, pintor); *despiciendo* (*despiciendus*, desprezível); *auricular*, de *auricula*, orelha; *auditivo*, de *audire*, ouvir; *ígneo*, de *ignis*, fogo; *federal*, de *foedus*, *foederis*, aliança, pacto; *áureo*, de *aurum*, ouro; *anular*, de *anulus*, anel; *digital*, de *digitus*, dedo; *argentino*, de *argentum*, prata; *vulnerável*, de *vulnus*, *vulneris*, ferida; *oral*, de *os*, *oris*, boca, e assim por diante.

Muitas vezes, o substantivo português se afastou um pouco da forma original latina, enquanto o adjetivo tendeu a mantê-la, por exemplo, olho e ocular, de *oculum*; espelho e especular, de *speculum*; cabeça e capital, de *caput*, *capitis*; chuva e pluvial, de *pluvia*, e muitos outros. Provavelmente porque os substantivos nos chegaram via língua vulgar, oral, que, na idade média, não era mais o latim clássico, mas sim o português e demais línguas neolatinas em formação, enquanto a maior parte dos adjetivos se originou diretamente no latim escrito, que ainda era a língua semi-oficial da literatura, do direito, dos documentos, da filosofia e das ciências, durante muitos séculos, até mesmo meados do século XIX, em certos casos.

No decorrer da história, os povos se engolfaram em guerras e conflitos, em que os mais fortes dominaram, oprimiram, destruíram, mas também foram influenciados pela cultura dos vencidos, num processo lento, secular, de intercâmbio. Hoje, parece que os povos ditos periféricos têm de se empenhar numa guerrilha cultural de sobrevivência contra a instantaneidade e holismo da hegemonia anglo-americana.

O grego e o latim são pretextos de luta, que não excluem outros. A valorização das nossas origens ameríndia e africana é outro aspecto a ressaltar no processo de fortalecimento da auto-estima dos povos latino-americanos e da reafirmação da nossa especificidade cultural e histórica.

O latim e o grego estão muito antes e acima da monotonia cultural que a *globalização* mercantilista quer nos impor. Contra o furacão imperial do *pensamento único*, voltemos às raízes latinas e gregas e também às raízes indígenas e africanas, para nos banharmos no pélago miscigenado da cultura clássica e popular, erudita e mestiça, universal e regional, sem perda da nossa própria identidade.